

## POSFÁCIO

Caro Pedretti. Eu o tenho, ainda, diante dos olhos – é verdade, um tanto lacrimosos – como bons amigos que sempre fomos de ideais, filosofias e relatos psicopedagógicos.

A mim coube o posfácio que a nossa amiga comum – a língua portuguesa – classifica como: pós = depois e fácio, do idioma latino *facere* = fazer.

Após o término das aulas, às 16:30 da Escola Normal, reuníamo-nos a conversar:

- E quais são os eventos do dia, me perguntava você?
- Olha, você se lembra do adolescente que mandou?
- O Roberto?
- Isso.
- Pois bem. Chegamos a um acordo e ele me fez mil promessas de ser um bom aluno.

E, da Escola Normal, saíamos juntos no “posfácio” das aulas do dia.

- Até amanhã, seo Antoninho .... cuida, como sempre, muito bem, da nossa Normal. Não se esqueça de que ela é nosso segundo lar.

Seo Antoninho mostra-se orgulhoso e, com vassoura nas mãos, dizia:

- Olha seo Pedretti. Esta é a minha companheira, se não me obedece, aperto ela no chão, como um aluno malcriado.

Saíamos e Pedretti me dizia:

- Seo Antoninho e os parceiros dele, até o “seo” Severiano, amam a Escola.
- É verdade Pedretti, mas não pode esquecer de que o “Patrão” é uma mãe dele, também.
- Não vou dizer que não seja verdade, mas que eles são dedicados são. Você sabe que hora seo Antoninho sai da Escola?
- E isso (che ha detto ) Pedretti, porque eles têm um chefe que é antes pai ...

Rimos, discutindo os “problemas do dia” e descendo os estreitos degraus da Escola, em geral escorregadios, de tanto que seo Antoninho os lavava.

- Professor Pedretti, dizia seo Antoninho, conservo limpos esses degraus mais do os da minha casa ...

- É verdade, seo Antoninho?

-Verdade, mas também é verdade que o senhor é o meu segundo pai.

Eu e Pedretti rimos, despedimo-nos e tomamos caminhos opostos: eu em direção à Praça Rubião Júnior e Pedretti, ali parado, conversando com os professores e alguns alunos esperando a vez.

- Podem esperar que vou atendê-los já.

Era eu Orientador Educacional e Pedretti o Diretor.

Terminadas as aulas, ele me dizia:

- Vamos ver como anda nossa safra de abacaxis?

Tendo sido professor de Psicologia da Educação, acabou sendo escolhido como Diretor, o que agradou a todos. Seo Antoninho sempre lhe dizia:

- Seo Pedretti, é preciso “mão de ferro” para lidar com essa criançada aí.

- Não se preocupe, seo Antoninho, já mandei preparar umas quatro luvas de ferro.

Seo Antoninho sorria, voltava-se para mim e dizia:

- Esse diretor é muito bom, mesmo. Ele usa luva de pelica e a criançada adora ele.

- Caro Pedretti, eu lhe diria hoje: estamos caminhando no nosso posfácio.

Ele me diria alegre:

- Agostinho amigo, você sempre foi o companheiro de posfácio, nas nossas tertúlias “pós-aulas”.

Os avós de Pedretti vieram da Itália, conquistar a “vida” no Brasil.

Os avós paternos, José Pedretti e Maria Varolli Pedretti, e os maternos, Xisto Varolli e Annuciadina Oriolli Varolli, encantaram-se com a cidade em cima da serra, com um estranho nome:

- Come si dice?

- Botu.....tatu?

- Non, non, Giuseppe, tu non capisce il brasiliano. È ....Bo...tu...ca...tu.

Felizes, sentiam-se bem na nova Pátria e de seu primogênito nasceu um filho másculo, José Pedretti Neto, que iria continuar a hierarquia Pedretti, na “bella città di Botucatu”.

Seu pai, Nelo Carlos Pedretti e sua mãe Edith Maria Pedretti mostraram muito amor pelo “figliolo” Giuseppe.

Na sua infância, José brincava na rua empoeirada da cidade, onde corria, jogava bola e ficava vermelho de terra roxa (“rossa”, como diziam os italianos). Quando voltava à casa, já esperava críticas:

- Olha essa roupa que lavei ontem ... Não tem dó de sua mãe que trabalha dia e noite?

Como literato de nascimento, retrucava:

- Mãezinha, pode deixar que não faço mais.

- Com essa “chiacchiera”, figlio mio, tu dovai essere uno scrittore, professore o poeta.

- Às vezes, corria na rua e voltava machucado.

- Oh, figlio! Oh, figlio .....!

- Mãezinha querida, não corro mais, te prometo....

-Va bene, te cuida, senão conto pra tu padre. Sabe tu que ele è molto bravo?

Ciente o pai, ele lhe disse:

- Figlio, ti faró uno cavallo,va bene?

- Sim, papai. Pode fazer que não vou mais pra rua.

- Va bene, va bene...

Nelo, seu pai, fez-lhe um cavalo de papelão, maior do que ele, com o qual brincou muito. Uma certa noite, deixou o “cavalo” no quintal e o temporal levou o cavalo em cima da árvore.

- Figlio, dove é il tuo cavallo?

Com a imaginação que sempre o acompanhava, disse José:

- Pai, o que é que o senhor fez? O cavalo voou pra cima da árvore. Não é bonito, pai?

- Seu Nelo riu e disse-lhe:

- Figlio, vieni qua....tu sei um figlio molto bello ed intelligente, non fare questo.

- O quê pai?

- Mentiu, mio figliolo querido.

Aquele evento marcou muito Pedretti, que jamais mentia, a não ser por suas brincadeiras, em que era um especialista.

- Giuseppe, dizia-lhe a avó, andiamo allá preghiera

- Si nonna, si Ele aprendera logo a rezar e ia conversando com a nonna, até a chiesa.

Chegou a idade da escola. Sua professora era Dona Mariquinha.

- Dona Mariquinha, Dona Mariquinha, falava José ...

- O que você quer, meu filho, que está insistindo tanto?

- Professora, quero ler um livro.

- Já, meu filho, disse a professora rindo... vamos, primeiro, aprender a ler.

A professora conversou com Nelo, seu pai, e pediu que lhe desse um livro

- Ele é tão engraçadinho, seu Nelo. Dê-lhe um livro ou leia-o com ele.

Os meses se passaram e seu Nelo tirou do armário um velho livro de Cornélio Pires, "Quem Conta um Conto".

- Toma filho, leia, se você não conseguir ler alguma coisa, me pergunte.

José abandonou o pião, o estilingue, a coleção de envoltórios de balas e apanhou o livro e com ele ficava "lendo". De vez em sempre, perguntava ao pai:

- Pai, não consigo ler esta linha ....

- Ah!, meu filho, me dá um pouco de sossego.

Passou a cursar a Escola de Italiano, no alto do Cine Espéria e diplomou-se em primeiro lugar. Falava o idioma italiano como um imigrante. Ganhou a medalha de prata, porque a escola não tinha dinheiro para comprar a medalha de ouro.

Lia tudo e de tudo, mas o que o apaixonou mesmo foi o livro “Il Cuore”, que leu muitas vezes, dominando, perfeitamente, o idioma dos avós.

O seu amor por Botucatu fê-lo passar todas as férias principalmente na sua “pátria amada”, visitando a Fazenda Boa Vista e Rubião Júnior.

Seu tempo era dividido entre a Escola Normal, seu segundo lar, ainda aluno, e seu trabalho como redator da “Folha de Botucatu”.

Ainda jovem, percorreu muitos jornais, sendo redator da “Folha de Botucatu” e do “Jornal de Notícias”.

Tinha catorze anos quando aprendeu a arte tipográfica, tão complicada e difícil. Na “Folha”, era a pessoa de confiança de Pedro Chiaradia, diretor do jornal.

Trabalhou, como correspondente do conceituado jornal “O Estado de São Paulo”, até 1968.

Foi colaborador de destaque nos jornais “Fanfula”– a imprensa italiana e “Cidade de Ribeirão Preto”.

Na sua cidade, colaborou na “Folha”, no “Correio”, no “Jornal de Notícias” e na “Gazeta de Botucatu”.

Como aluno da Escola Normal, participava de todos os eventos, acontecimentos, festividades...

Formou-se professor no ano de 1939, na sua querida Escola Normal.

Paulo Ponciano Machado e outros convidavam-no para conversarem sobre poesias, jornalismo, etc..

Corria o ano de 1939.

Estava José Pedretti conversando alegremente com Paulo Ponciano, quando tocam a campainha.

- Quer que eu me retire, disse Pedretti?

- Não, não, nem começamos a falar.

Ponciano abre a porta e cumprimenta, amavelmente, uma( linda) normalista.

- Pedretti, conhece esta( linda) jovem?

- Muito prazer, minha senhorita. Tenho-a visto na Escola Normal. O uniforme é o cartão de visitas, disse Pedretti rindo.

- O prazer é meu, Pedretti. Já o tinha conhecido pelos seus discursos e tenho lido seus artigos na “Folha” e no “Estadão”.

- E tem gostado deles?

- Muito.

- Paulo Ponciano, meio desajeitado, disse:

- Desculpe-me, Pedretti, esta( lindíssima) jovem se chama Lola Peres.

Pedretti sentia o coração bater forte diante de tão (linda) jovem e sentia uma intuição: “Esta linda jovem será minha esposa”.

- Aconteceu alguma coisa, senhor Pedretti?

- Por favor, não me chame de senhor, senão serei obrigado a trata-la de senhora.

Os três riram e a conversa continuou.

- Bem, preciso ir andando. São oito horas da noite e já é muito tarde.

- Posso acompanhá-la? Não fica bem uma senhorita andando só à noite.

- Não se preocupe, senhor Pedretti.

- Senhor, não, por favor.

- Muito bem, pode me acompanhar até a igreja.

E foram os dois, emocionados, sem um falar corrente.

- Bem, Pedretti, minha casa fica logo ali.

- Ótimo, não me tratou mais de senhor, hein!

- Vamos nos despedir.

- Meu prazer imenso em conhece-la.

Ainda nervoso e encantado, disse Pedretti:

- Posso vê-la amanhã?

- Deixe-me pensar...

O certo é que ambos não dormiram à noite.

Os anos se passaram num misto de boa camaradagem e amizade.

As amigas de Lola lhe perguntavam:

- Como você consegue falar com ele? É um jornalista...

Os amigos de Pedretti lhe diziam:

- “Cara”, como é que você conseguiu namorar essa menina tão linda? Ela nunca ligou pra ninguém.

- É a vida, meus caros, dizia ele, alegremente.

Em 1947, positivaram o namoro e o noivado, o que levava Pedretti a dizer:

- Amigo, que sacrifício pedir alguém em casamento. Vai chegar sua vez. Meu coração bateu tanto que pensei desmaiar.

Em 1948, casou-se com Lola Peres, no mês de dezembro, sendo 21, no civil, e 22, no religioso, na Catedral de Botucatu. O ato religioso foi oficiado pelo cônego Agostinho Colturado, amigo de ambos e vizinhos na Praça Rubião Júnior, 43.

Três filhos enriqueceram o lar de ambos: Luiz José, Elizabeth e Júnior.

José Pedretti, ou apenas Pedretti, como eu o chamava, procurou-me na Faculdade de Filosofia e lhe disse, então:

- Gostaria que você lecionasse no Curso de Pedagogia. Que disciplina você sugere, Pedretti?

- Olha, tenho uma idéia. Faz muita falta a professores e pedagogos a disciplina Práticas Escolares.

- Ótimo, Pedretti, bem pensado, quando você começa?

- Vou estudar e depois lhe digo.

- Nada disso. Você começa amanhã. Vou avisar os alunos. Assim, podemos fechar um estilo de vida: na Normal, você era o Diretor e eu professor de Português; agora, para empatar, aqui, na Faculdade, você é professor e eu sou Diretor.

Pedretti riu e disse:

- Bingo! ( não poderia trocar por Seja! )

Suas aulas foram muito apreciadas e os alunos o elogiavam muito.

Como orientador vocacional na Escola Normal, disse-lhe certo dia:

- Pedretti, vamos submete-lo a uma orientação vocacional. Que tal?

- Certo, quando começamos?

- Já.

Submetido aos testes de orientação vocacional, Pedretti obteve os seguintes resultados: pedagogo, jornalista, professor, diretor administrativo e, também, advogado.

Pedretti riu e disse:

- Agostinho, você é um mágico ..... Adivinha...

Ao que lhe respondi:

- Mágico é você exercendo , eficazmente, todas essas profissões, com sucesso.

- Vá, Agostinho, você é um grande amigo.

Pedretti, esqueci-me de lhe dizer que .... a grande e incomparável qualidade sua é a seguinte:

Saber ser amigo.

Do seu colega, amigo e companheiro num “fácio” eterno.

Agostinho Minicucci